

Capítulo 1

O que é a filosofia?

1. Um pouco de história

O que é a filosofia? Será muito mais fácil responder a esta pergunta no final do ano lectivo, tal como é mais fácil saber o que é a biologia depois de a ter estudado. Mas é importante saber desde já alguma coisa sobre a filosofia. Para isso, vamos começar por percorrer rapidamente a sua história.

Filosofia antiga

A filosofia surgiu na Grécia antiga há cerca de 2500 anos, no séc. VI a. C. Os primeiros filósofos foram Tales de Mileto (c. 624-546 a. C.) e Pitágoras (c. 580-500 a. C.), sendo ambos igualmente os fundadores do que hoje chamamos «ciência» (que eles não distinguiam da filosofia).

A própria palavra «filosofia» foi inventada pelos gregos, e significa literalmente «amor da sabedoria». Com esta designação, os filósofos gregos marcaram uma diferença importante relativamente às autoridades religiosas, cujos sábios declaravam já ter alcançado a sabedoria. Em contraste, os filósofos tinham uma atitude crítica, procurando a verdade das coisas com o apoio da argumentação. Por isso, em vez de se chamarem sábios, chamavam-se filósofos: o sábio já tem o que pensa que é verdade, ao passo que o filósofo argumenta (ou seja, discute ideias) para tentar descobrir se o que pensa que é verdade é mesmo verdade.

Secções

1. Um pouco de história, 15
2. Os elementos da filosofia, 18
3. Uma caracterização da filosofia, 22
4. Para que serve a filosofia?, 31

Textos

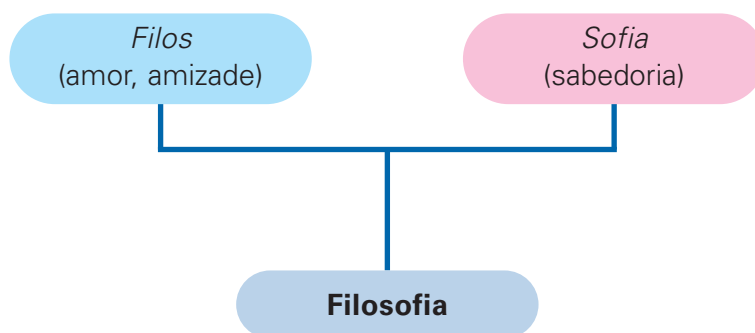
1. Filosofia: A Crítica das Nossas Crenças, 27
Jerome Stolnitz
2. Aprender a Pensar, 29
Immanuel Kant

Objectivos

- Identificar os elementos da filosofia.
- Compreender algumas características da filosofia.
- Compreender o que significa tomar posição em filosofia.
- Ter uma noção do valor da filosofia.

Conceitos

- Problema, teoria, tese, conceito.
- Extensão/intensão, definição, definição implícita.
- Definição explícita, caracterização.
- Dogmático/crítico, crença, opinião.
- *A priori*/*a posteriori*.



Os primeiros filósofos são conhecidos como «pré-socráticos» e dedicaram uma especial atenção à cosmologia (que hoje é uma disciplina científica), isto é, ao estudo da origem e natureza última do universo. Parménides (séc. v a. C.), Heraclito (c. 535-475 a. C.), Empédocles (c. 490-430 a. C.) e Demócrito (c. 460-370 a. C.) foram alguns dos mais importantes filósofos deste período.

Sócrates (c. 470-399 a. C.) e Platão (c. 427-347 a. C.) dedicaram depois uma atenção especial a problemas éticos e políticos, fazendo da procura de definições explícitas de conceitos básicos como beleza, justiça e conhecimento a sua actividade principal. Aristóteles (384-322 a. C.) desenvolveu praticamente todas as áreas da filosofia e da ciência, e estabeleceu firmemente o estudo sistemático de problemas filosóficos e científicos.

Depois de Aristóteles floresceram várias escolas dedicadas ao estudo da filosofia e surgiram vários filósofos muitíssimo influentes, como Epicuro (306-271 a. C.) e Zenão de Cítio (c. 336-264). Estes foram os filósofos que mais influenciaram a vida e o pensamento do Império Romano.

Filosofia na Idade Média

Na Idade Média (séculos v a xv) a filosofia foi estudada num contexto sobretudo religioso. Muitos filósofos deste período foram extraordinariamente perspicazes, tendo desenvolvido algumas ideias e argumentos hoje considerados centrais em filosofia, não só na filosofia da religião e na metafísica, mas também na ética, filosofia da linguagem e lógica (no **Capítulo 2** veremos brevemente o que são algumas destas disciplinas).

Alguns dos debates mais importantes da época incluem o problema dos universais, as provas da existência de Deus e a compatibilidade entre a presciência divina (a capacidade para saber de antemão o que vai acontecer) e o livre-arbítrio humano.

Alguns dos mais destacados filósofos ocidentais do período medieval foram Santo Agostinho (354-430), Santo Anselmo (1033-1109), Abelardo (1079-1142), S. Tomás de Aquino (1225-74), Duns Escoto (c. 1265-1308) e Guilherme de Ockham (c. 1287-1347). A rigor, Santo Agostinho morreu ainda antes de se entrar na Idade Média, mas costuma ser considerado o primeiro dos filósofos medievais, e não o último dos antigos.

Filosofia na Idade Moderna

Na Idade Moderna (séculos XVI, XVII e XVIII), a teoria do conhecimento foi considerada por muitos filósofos o ponto de partida da filosofia. Descartes (1596-1650) tornou-se um dos mais influentes filósofos de sempre. Neste período, a oposição entre empirismo e racionalismo tornou-se central. Os empiristas defendiam que todo o conhecimento resultava fundamentalmente dos sentidos, ao passo que os racionalistas defendiam que algum conhecimento resultava fundamentalmente da razão. Do lado racionalista, juntamente com Descartes, estão filósofos como Espinosa (1632-77) e Leibniz (1646-1716). Do lado empirista, filósofos como Hobbes (1588-1679), Locke (1632-1704), Berkeley (1685-1753) e Hume (1711-76). Hobbes, Locke, Hume e Espinosa deram uma atenção especial à ética e à filosofia política, que tinham sido negligenciadas por Descartes.

Outros filósofos importantes deste período foram Voltaire (1694-1778) e Jean-Jacques Rousseau (1712-78). Kant (1724-1804) prossegue o trabalho dos filósofos racionalistas e empiristas, ocupando-se sobretudo de ética, epistemologia e metafísica. A sua obra foi uma das mais influentes de sempre. Os seus sucessores alemães, Fichte (1762-1814) e Hegel, adoptaram o idealismo: a doutrina de que a realidade tem uma natureza mental.

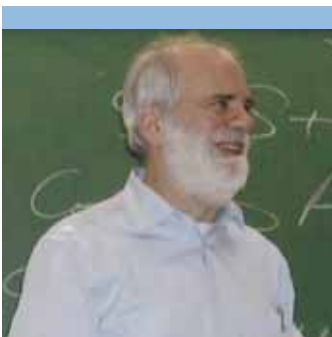
Schopenhauer (1788-1860) adoptou a filosofia de Kant, mas desenvolveu uma filosofia pessimista, muito influente nos sécs. XIX e XX, segundo a qual a existência humana é completamente desprovida de sentido. Jeremy Bentham (1748-1832) desenvolveu o utilitarismo, uma das mais importantes teorias éticas e políticas, e a principal rival da ética de Kant e da filosofia política de Marx (1818-83).



Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Filósofo alemão, foi um dos mais importantes pensadores do seu tempo.

Filosofia contemporânea

No séc. XIX, e sobretudo a partir do séc. XX, a filosofia conheceu uma vitalidade e diversidade que ultrapassou qualquer período histórico anterior. Alguns filósofos alemães e franceses fundaram



Saul Kripke (n. 1940). Lógico e filósofo americano, revolucionou a filosofia a partir dos anos setenta do séc. XX.

correntes como o existencialismo, a fenomenologia e a hermenêutica; nestas áreas, destacaram-se filósofos como Husserl (1859-1938), Heidegger (1889-1976) e Sartre (1905-80). Alguns filósofos ingleses e americanos deixaram-se influenciar decisivamente pelo trabalho de Frege (1848-1925), Russell (1872-1970) e Wittgenstein (1889-1951).

Depois da segunda guerra mundial (1939-45), floresceram disciplinas negligenciadas nos séculos XIX e XX, como a metafísica, a filosofia da religião, a filosofia da arte, a ética (incluindo a ética aplicada) e a filosofia política. A filosofia da ciência e a epistemologia atingiram resultados de grande importância, assim como a filosofia da linguagem e a lógica.

A filosofia, tal como as artes e as ciências, entrou no séc. XXI com um grau de sofisticação, pertinência e alcance nunca antes atingido.

É esta disciplina, que tem uma história tão rica, que vamos estudar ao longo do ano. Mas que tipo de coisa se estuda em filosofia? E como se estuda tal coisa? É isso que vamos ver já de seguida.

2. Os elementos da filosofia

Perguntar que tipo de coisa a filosofia estuda é perguntar pelo objecto de estudo da filosofia. E perguntar como se estuda tal coisa é perguntar pelo método da filosofia.

- O **objecto** de estudo de uma disciplina é aquilo que a disciplina estuda.
- O **método** de uma disciplina é o modo como leva a cabo esse estudo.

Define-se muitas vezes as ciências em termos de objecto e método. Por exemplo:

- A aritmética elementar estuda as principais propriedades da adição, da subtracção, etc. O seu método é o cálculo.
- A biologia estuda as propriedades dos organismos vivos. O seu método é a observação e a elaboração de teorias que depois são testadas, por vezes em laboratórios.
- A economia estuda as relações económicas. O seu método é a análise de dados estatísticos e a tentativa de produzir teorias ou modelos que expliquem as relações económicas.

Também a filosofia tem um objecto e um método de estudo:

- A **filosofia tem como objecto** de estudo problemas fundamentais acerca da natureza da realidade, do conhecimento e do valor.
- O **método da filosofia** é a discussão crítica.

A filosofia tem por objecto de estudo um certo tipo de **problemas** ou questões. As respostas a esses problemas são aquilo a que se chama **teorias** ou teses. Estas teorias são, por sua vez, defendidas por meio de **argumentos** ou raciocínios. Mas que tipo de problemas são filosóficos? É isso que vamos ver já de seguida.

Problemas, teorias e argumentos

Tal como as ciências, as artes e as religiões, a filosofia é uma manifestação natural da nossa inteligência. Não é algo que só surge quando vamos à escola ou quando lemos livros de filósofos. Os problemas a que a filosofia procura dar resposta não são artificialismos escolares; são problemas reais, que nos intrigam e fascinam. Muitas pessoas começam a fazer perguntas de carácter filosófico por volta dos 13 ou 14 anos, ou até na infância.

Claro que nem todos os problemas são filosóficos; também há problemas científicos, literários, quotidianos e religiosos, entre outros. Como podemos então distinguir os problemas que são filosóficos dos que não são filosóficos? Uma maneira de o fazer é considerar alguns exemplos de problemas centrais da filosofia, como os seguintes:

- Será que a vida tem sentido?
- O que é o conhecimento?
- Os animais têm direitos?
- Haverá justificação para a autoridade do estado?
- Como podemos saber que o mundo não é uma ilusão?
- Será que é tudo relativo?

Outros problemas filosóficos surgem da nossa reflexão sobre as ciências, as religiões e as artes. Eis alguns exemplos:

- O que é a arte?
- O que são os números?
- Será a existência de Deus compatível com o sofrimento?
- O que é uma lei da física?

Como veremos, os problemas filosóficos não podem ser resolvidos recorrendo à experimentação científica, à observação, à autoridade ou ao cálculo matemático. Para tentar resolver os problemas filosóficos, recorreremos exclusivamente ao pensamento. Por isso, os seguintes problemas não são filosóficos:

- Será que os crentes são mais felizes do que os ateus? (Sociologia)
- Qual é o significado de «A Tabacaria», de Álvaro de Campos? (Crítica literária)
- Será um pecado tomar a pílula? (Religião)
- Será o Último Teorema de Fermat verdadeiro? (Matemática)
- Qual é a composição da atmosfera de Júpiter? (Astrofísica)

Os problemas da sociologia, por exemplo, não são filosóficos porque não podem ser resolvidos recorrendo exclusivamente ao pensamento; para os resolver, temos de recorrer a metodologias empíricas, ou seja, metodologias baseadas na observação, como estatísticas e inquéritos, por exemplo.

Para que um problema seja filosófico, tem de poder ser resolvido ou estudado recorrendo exclusivamente ao pensamento, apesar de podermos usar informação empírica obtida pelas ciências. Para garantir que um determinado problema é genuinamente filosófico, temos de ser muito rigorosos ao formular a pergunta que o exprime. Por exemplo, a pergunta «Será que Deus existe?» é filosófica; mas a pergunta «Será que os crentes são mais felizes do que os ateus?» não é filosófica – é sociológica. A mesma área genérica de problemas ou fenómenos pode ser estudada por diferentes disciplinas. Nem todas essas disciplinas são filosóficas. Por exemplo, tanto a sociologia, como a psicologia como a história estudam a religião – mas nenhuma destas disciplinas estuda os problemas filosóficos da religião.



■ **Auto-retrato**, de Amedeo Modigliani (1884-1920). A filosofia faz-nos reflectir sobre nós próprios e sobre o mundo que nos rodeia.

É muito importante formular com rigor as perguntas filosóficas também por outra razão. Perguntas que parecem apenas ligeiramente diferentes podem de facto ser muitíssimo diferentes. Por exemplo, perguntar «O que justifica a autoridade do estado?» pressupõe que a autoridade do estado tem justificação. Mas alguns filósofos defendem que nada justifica a autoridade do estado. Por isso, esta pergunta é tendenciosa. Assim, é mais correcto perguntar «Será que o estado tem justificação? Se tem, qual é?».

Nem todas as respostas aos problemas filosóficos são filosóficas. Para que sejam filosóficas, as respostas aos problemas filosóficos têm de estar fundamentadas. Isto significa que não basta ter respostas pessoais sobre os problemas filosóficos; é preciso que tais respostas sejam publicamente justificáveis. Fundamentar ou justificar publicamente uma resposta é oferecer os melhores argumentos ou razões que conseguirmos imaginar a seu favor – e permitir que as outras pessoas os avaliem criticamente.

Quando se estuda filosofia, aprendemos a formular e discutir, com clareza e rigor, os seus problemas, teorias e argumentos.

Conceitos

À semelhança do que acontece noutras áreas do conhecimento, como a física ou a sociologia, os **conceitos** desempenham um papel muito importante na filosofia. Em física, por exemplo, o conceito de massa é muito importante; em filosofia, por exemplo, o conceito de conhecimento é muito importante. Mas o que é exactamente um conceito?

- Gramaticalmente, um **conceito** é uma noção ou ideia geral, como *estado*, *planeta*, *gene*, *beleza*, *verdade*, etc.

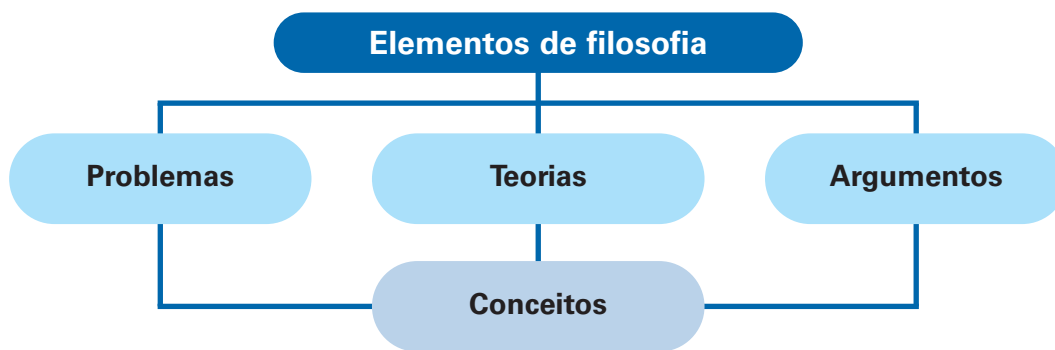
Neste sentido, não se pode falar dos conceitos de Sócrates, Matosinhos ou da Revolução Francesa. Mas podemos falar dos conceitos de ser humano, cidade ou revolução. Contudo, num sentido mais filosófico, um conceito é tudo o que pode fazer parte de uma afirmação. Nesse caso, podemos falar, por exemplo, do conceito de Deus (que não é uma ideia geral). O próprio conceito de conceito é objecto de estudo em filosofia, precisamente porque é muito difícil definir satisfatoriamente esta noção.

Distingue-se a **extensão** de um conceito da sua **intensão** (com «s»; não confundir com «intenção»).

- A **extensão** de um conceito é as coisas a que esse conceito se aplica.
- A **intensão** de um conceito é a propriedade (ou propriedades) que determina a extensão do conceito.

Por exemplo, a extensão do conceito de mulher são as mulheres todas. A intensão é as propriedades que distinguem as mulheres de todas as outras coisas, nomeadamente as seguintes: ser membro da espécie *Homo sapiens* e ser do sexo feminino.

Como acontece noutras áreas do conhecimento, em filosofia precisamos de definir, ou pelo menos caracterizar com muita precisão, alguns conceitos centrais relacionados com os problemas que queremos discutir. Por exemplo, quando perguntamos se Deus existe, que conceito de Deus temos em mente? Diferentes religiões têm diferentes conceitos de Deus. Os argumentos que tentam provar a existência de Deus, concebido de um certo modo, podem não ser adequados para provar a sua existência, se Deus for concebido de outro modo; por isso, temos de esclarecer cuidadosamente que conceito de Deus está em causa.



Além disso, a filosofia ocupa-se de problemas fundamentais que exprimimos através de conceitos como os de realidade, conhecimento, valor, beleza, justiça, arte, bem moral, etc. Por isso se diz, por vezes, que a filosofia se ocupa desses conceitos – como se pode dizer que a física se ocupa dos conceitos de tempo, espaço, luz, etc. Mas o que está em causa no estudo filosófico do conceito de arte, por exemplo, é o esclarecimento da natureza da própria arte. Isto porque a única maneira de esclarecer o conceito de arte é compreender melhor a própria arte.

Revisão

1. Qual é o objecto e o método da filosofia?
2. Explique o que distingue os problemas filosóficos dos outros problemas.
3. Explique por que razão nem todas as respostas aos problemas filosóficos são filosóficas.
4. Explique qual é a relação entre os problemas, as teorias e os argumentos da filosofia.
5. O que se aprende a fazer quando se estuda filosofia?
6. Explique a importância dos conceitos em filosofia.

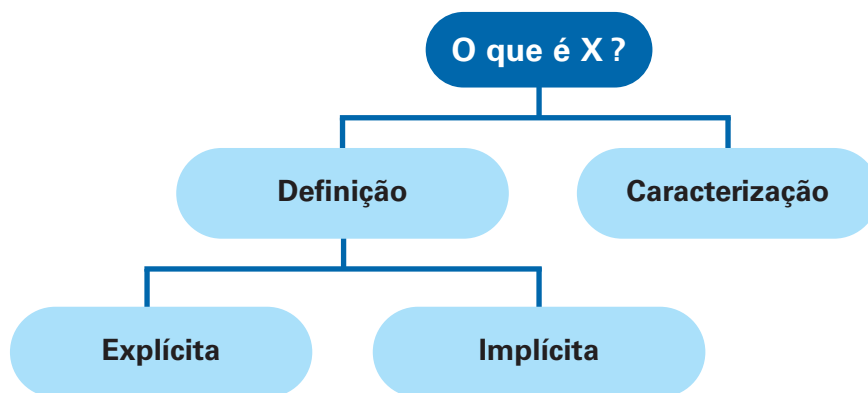
3. Uma caracterização da filosofia

Imagine-se que uma criança de 7 anos pergunta o que é a água. Recordando as aulas de Química, podemos responder: «A água é H_2O ». Esta resposta está correcta. É uma **definição explícita** de água. Mas será que a criança ficou a perceber melhor o que é a água? Muito provavelmente, não. Ela não tem um conhecimento suficiente de química para poder compreender a informação. Por vezes, as definições explícitas não são informativas.

Em vez de definir a água deste modo, poderíamos mostrar à criança vários exemplos de água: um copo de água, um rio ou um lago. Esta resposta também está correcta. É uma **definição implícita** de água. Mas é provável que esta definição não seja muito informativa para a criança. Muito provavelmente, ela já viu água várias vezes. O que ela queria era saber qualquer coisa informativa sobre a natureza da água.

Seria por isso melhor dizer à criança que a água é um líquido incolor, que serve para matar a sede, enche os lagos, os rios e os oceanos, e é o que cai do céu quando chove. Podemos ainda dizer-lhe que a água é indispensável à vida das plantas e dos animais. Ao fazer isto, estamos a **caracterizar** a água. Caracterizar a água é apresentar algumas propriedades informativas da água; mas estas propriedades não a definem. Contudo, a criança ficará a compreender melhor o que é a água. Uma boa caracterização da água pode ser extremamente informativa para a criança.

Em vez de definir a filosofia, vamos caracterizá-la. Para isso, apresentaremos três dos seus aspectos importantes: o seu carácter crítico, o facto de exigir uma tomada de posição e de ser um estudo *a priori*.



A filosofia é uma actividade crítica

A filosofia é uma actividade crítica porque consiste em procurar boas razões (ou seja, bons argumentos) para aceitar ou recusar ideias sobre os seus problemas.

Mas ser crítico não é «dizer mal». Ser crítico é avaliar cuidadosamente todas as ideias (sejam nossas, dos nossos colegas ou de filósofos famosos) para tentar saber se são verdadeiras (ou, pelo menos, plausíveis). Para fazer isso, temos de estudar essas ideias com imparcialidade.

- Ser **crítico** é analisar cuidadosa e imparcialmente as ideias para procurar determinar se são verdadeiras ou falsas.

Ser crítico também não é ser extravagante. Uma pessoa pode perfeitamente ser crítica e seguir as convicções da maioria. Ser crítico não é dizer «não» só para marcar a diferença. Ser crítico é dizer «sim», «não», ou até «talvez», mas só depois de pensar por si e com base em bons argumentos.

A atitude crítica opõe-se à atitude dogmática.

- Ser **dogmático** é recusar-se a analisar cuidadosa e imparcialmente as ideias, declarando-as verdadeiras ou falsas sem boas razões para isso.

Uma pessoa dogmática recusa-se a avaliar criticamente as suas ideias preferidas; ou finge que o faz mas só aceita argumentos a seu favor ou contra as posições de que não gosta.

A filosofia opõe-se ao dogmatismo. É uma actividade crítica e por isso dialogante: consiste em discutir ideias. Mas discutir ideias filosoficamente não é a mesma coisa que uma gritaria dogmática. Em filosofia, discutimos criticamente para chegar à verdade das coisas, independentemente de saber quem «ganha» a discussão; numa gritaria dogmática cada qual só quer «ganhar» a discussão, independentemente de saber de que lado está a verdade.

Porque a filosofia é uma actividade crítica, fazer filosofia implica avaliar cuidadosamente os nossos preconceitos mais básicos. Isto faz da filosofia uma actividade um pouco melindrosa. Em geral, temos tendência para nos agarrarmos acriticamente aos nossos preconceitos, porque organizam a maneira como vemos o mundo e vivemos a vida, dando-nos uma certa sensação de segurança. A filosofia, pelo contrário, exige abertura de espírito e disponibilidade para pensar livremente, pondo muitas vezes em causa os nossos preconceitos mais queridos. Mas o que é um preconceito?

- Um **preconceito** é uma ideia que tomamos como verdadeira sem razões para tal.

Por exemplo, muitos de nós pensamos que a escravatura está errada. Mas nunca pensamos seriamente porquê. Apenas crescemos convencidos disso. Eis outro exemplo: muitos de nós pensamos que o



- **O Mercado de Escravos**, de Jean-Léon Gérôme (1824-1904). A filosofia avalia criticamente os nossos preconceitos, mas tanto podemos concluir que tínhamos razão, como que estávamos enganados.

tempo é perfeitamente real, apesar de ser impalpável e muito difícil de definir. Mas nunca pensámos seriamente nas razões que temos para pensar que o tempo é real.

Tanto no caso da escravatura como no caso do tempo, temos preconceitos acerca destes assuntos. Depois de estudar cuidadosamente os nossos preconceitos, tanto podemos descobrir que eram falsos, como que eram verdadeiros. O que faz de uma ideia um preconceito não é a sua falsidade, mas sim o facto de nunca termos pensado criticamente nas razões a favor e contra essa ideia.

Revisão

1. Por que razão é a filosofia uma actividade crítica?
2. O que é o dogmatismo? Explique e dê exemplos.
3. O que é um preconceito? Dê alguns exemplos, explicando por que razão são preconceitos.
4. Diga se as seguintes afirmações são verdadeiras ou falsas e justifique a sua resposta:
 - 1) Todos os preconceitos são ideias falsas.
 - 2) Alguns preconceitos são ideias falsas.
 - 3) Ser crítico é dizer mal dos outros.
 - 4) A filosofia opõe-se ao dogmatismo.

A filosofia exige uma tomada de posição

O facto de a filosofia ser uma actividade crítica coloca-nos numa posição muito diferente daquela que nos é exigida nas outras disciplinas. Em filosofia, temos de tomar posição. Tanto podemos defender que Deus existe como que não existe; tanto podemos defender que o aborto deve ser permitido como que não o deve ser. Até podemos defender que a filosofia é inútil e absurda.

Talvez seja surpreendente descobrir que em filosofia temos de tomar posição, não se tratando apenas de compreender e explicar o que pensam os filósofos. Só que temos de compreender bem que tipo de posição se exige em filosofia. Temos a liberdade de defender qualquer posição em filosofia, mas as nossas posições têm de obedecer a duas condições:

1. Têm de se apoiar em bons argumentos.
2. Têm de se apoiar num conhecimento adequado dos problemas, teorias e argumentos da filosofia.

Para que a nossa posição seja filosófica, temos de ter bons argumentos a seu favor e contra as posições contrárias. E temos de conhecer as posições e argumentos de pelo menos alguns dos mais importantes filósofos antigos e contemporâneos que se ocupa-

ram do tema. Não seria sensato ter uma posição sobre um determinado tema filosófico sem conhecer adequadamente o que os mais importantes especialistas da área pensam sobre isso.

As posições que temos sobre temas filosóficos antes de estudar filosofia são tão irrelevantes como as opiniões do padeiro que nada sabe de medicina sobre a gripe. Queremos ter uma posição pessoal sobre os problemas filosóficos, mas que resulte da nossa reflexão cuidadosa e metódica, e de um conhecimento adequado das teorias e argumentos relevantes. O nosso objectivo é aprender a pouco e pouco a ter posições verdadeiramente filosóficas sobre os problemas da filosofia.

Para que as nossas posições sobre os problemas da filosofia sejam filosóficas temos de conhecer a história da filosofia. Mas estudar filosofia é muito diferente de estudar história da filosofia. Na história da filosofia, estuda-se o que os filósofos dizem para se compreender melhor o que pensam. Na filosofia, queremos compreender melhor o que os filósofos pensam para discutir as suas ideias. Estudar filosofia é como estudar música e estudar história da filosofia é como estudar história da música. Num caso, aprendemos a pouco e pouco a tocar um instrumento ou a compor peças musicais; no outro, aprendemos apenas a apreciar a música do passado. Em filosofia, aprendemos a pouco e pouco a filosofar; em história da filosofia, aprendemos apenas a compreender e formular as ideias dos filósofos.



Busto de Immanuel Kant, de Friedrich Hagemann (1773-1806). Kant defendeu que não se aprende filosofia; aprende-se a filosofar: «O que o aluno realmente procura é proficiência no método de reflectir e fazer inferências por si».

A filosofia é um estudo *a priori*

Os problemas da filosofia provocam alguma perplexidade porque são bastante diferentes quer dos problemas de ciências como a biologia ou a história, quer dos problemas da matemática. Como vimos, tentamos resolver os problemas da filosofia recorrendo exclusivamente ao pensamento. Mas o que quer isto dizer?

Imagine-se que queremos saber se há vida em Marte. Não é possível resolver este problema unicamente através do pensamento. É preciso dispor dos dados enviados pelas sondas que foram para Marte, fazer observações e medições, etc. Todas essas coisas fazem parte da experiência empírica: são maneiras de recolher informação acerca do mundo.

Imagine-se agora que queremos saber qual é o resultado de multiplicar 25 por 4. Neste caso, basta pensar para saber o resultado. Claro que podemos contar pelos dedos, se não conseguirmos fazer a multiplicação de cabeça. Mas isso é irrelevante, pois os dedos são meros auxiliares do pensamento; não usamos os dedos como usamos o telescópio, por exemplo, para ver qual é a dimensão relativa do maior vale da Lua.

A filosofia é, em parte, como a matemática, pois ocupa-se de problemas que não se podem resolver recorrendo à experiência empírica – temos de os resolver recorrendo ao pensamento. Por exemplo, não podemos decidir se os animais têm direitos ou não limitando-nos a recolher informação do mundo. É por isso que dizemos que a filosofia é um



Meditação, de Charles Amable Lenoir (1860-1926). A filosofia é uma reflexão intensa sobre problemas insusceptíveis de resolução empírica ou matemática.

estudo **a priori**. Queremos dizer que a filosofia se faz unicamente com o pensamento. Mas, ao contrário da matemática, não há na filosofia métodos formais de prova.

- Conhecemos algo **a priori** quando o conhecemos sem recorrer à experiência.
- Conhecemos algo **a posteriori** quando o conhecemos recorrendo à experiência.

Por vezes, chama-se também «racional» ao conhecimento *a priori* e «empírico» ao conhecimento *a posteriori*.

Em filosofia, o termo «*a priori*» não significa «anterior» nem «anterior à experiência»; não se deve confundir «*a priori*» com «inato». Por isso, dizer que a filosofia é *a priori* não é dizer que a filosofia se faz antes de se ter qualquer experiência das coisas. Pelo contrário, geralmente é depois de as pessoas terem tido algumas experiências que descobrem alguns problemas filosóficos.

Apesar de a filosofia ser um estudo *a priori*, para discutir certos problemas filosóficos é preciso usar conhecimentos *a posteriori*. Por exemplo, não podemos discutir certos aspectos da filosofia da religião sem nada saber de religião; nem podemos discutir certos aspectos da filosofia da arte sem nada saber de arte.

Apesar disso, a filosofia é *a priori*, por duas razões. Em primeiro lugar, porque não compete à filosofia recolher essas informações empíricas: isso é feito pelas outras disciplinas, nomeadamente pela história das religiões, por exemplo, ou pela história da arte. Em segundo lugar, porque essas informações empíricas não permitem, por si, resolver os problemas da filosofia: é preciso pensar cuidadosamente. Podemos saber imensas coisas sobre arte, por exemplo, mas essa informação não responde, só por si, ao problema de saber o que é a arte; para isso, temos de pensar intensamente.

Apesar de a filosofia ser um estudo *a priori*, o seu objecto de estudo é a realidade: em filosofia estuda-se a ciência, a religião, as artes, o bem, a liberdade, a justiça, etc. Dizer que a filosofia é *a priori* significa apenas que a filosofia estuda os problemas não empíricos destas realidades. Por exemplo, um problema empírico da realidade é saber se os animais não humanos sentem dor ou não; um problema não empírico da realidade é saber se os animais não humanos têm direitos.

Imagine-se que a Ana pensa que os problemas da filosofia resultam de meras confusões ou fantasias, precisamente porque não se podem resolver recorrendo à experiência nem à matemática. Pode-se defender esta ideia – e houve até filósofos que a defenderam, por estranho que isso possa parecer. Mas como podemos saber que não poderemos saber coisa alguma em filosofia? Se a Ana começar a pensar nas razões que a podem levar a pensar que em filosofia nunca se poderá saber coisa alguma, estará a fazer filosofia. É por isso que a actividade filosófica é inevitável. É inevitável porque não é mais do que a procura sistemática de justificações sensatas para as nossas ideias mais básicas – mesmo as nossas ideias acerca da própria filosofia.

Revisão

1. O que significa dizer que a filosofia é um estudo *a priori*?
2. Diga se as seguintes afirmações são verdadeiras ou falsas e justifique a sua resposta:
 - 1) Uma vez que a filosofia é *a priori*, não precisamos de informação empírica para fazer filosofia.
 - 2) Dado que tanto a filosofia como a matemática são *a priori*, não há diferença entre as duas.
 - 3) Se sabemos algo *a priori*, sabemos-lo sem recorrer aos dados dos sentidos.
 - 4) Se sabemos algo *a posteriori*, sabemos-lo pelo pensamento apenas.
 - 5) O conhecimento de que a neve é branca é *a priori*.
 - 6) O conhecimento de que os objectos brancos são coloridos é *a posteriori*.
3. Apresente dois exemplos de problemas *a priori* e dois exemplos de problemas *a posteriori*.
4. Explique por que razão a filosofia é inevitável.

Texto 1

Filosofia: A Crítica das nossas Crenças

Jerome Stolnitz

O que significa, especificamente, dizer que a filosofia faz a «crítica» das nossas crenças? Para começar, admitamos que a maior parte das nossas crenças sobre questões vitais como a religião e a moralidade são manifestamente acríticas. Faz uma pausa para avaliar as tuas crenças sobre estas questões, perguntando-te por que razão vieste a ter as crenças que tens. Na maior parte dos casos, podemos afirmar com segurança, irás descobrir que não «vieste a ter» tais crenças em resultado de uma reflexão prolongada e séria sobre elas. Pelo contrário, aceitaste-as com base em alguma autoridade, isto é, um indivíduo qualquer, ou instituição, que te transmitiu essas crenças. A autoridade pode ser os teus pais, professores, Igreja ou amigos. Muitas das nossas crenças são impostas pelo que chamamos vagamente «sociedade» ou «opinião pública». Estas autoridades, regra geral, não te impõem as suas convicções. Ao invés, absorveste essas crenças a partir do «clima de opinião» no qual te desenvolveste. Assim, a maior parte das tuas crenças sobre questões como a existência de Deus ou sobre se por vezes é correcto mentir são artigos intelectuais em «segunda mão».

Mas isto não significa, claro, que essas crenças sejam necessariamente falsas ou que não sejam sólidas. Podem perfeitamente ser sólidas. Os artigos em «segunda mão» por vezes são muito bons. O que está em causa, contudo, é isto: uma crença não é verdadeira simplesmente porque uma autoridade qualquer diz que o é. Supõe que, perante uma certa crença, eu te perguntava: «Como sabes que isso é verdade?» Certamente que não seria satisfatório

responder «Porque os meus pais (professores, amigos, etc.) me disseram». Isto, em si, não garante a verdade da crença, porque tais autoridades se enganaram muitas vezes. Verificou-se que muitas das crenças sobre medicina dos nossos antepassados, que eles transmitiram às gerações posteriores, eram falsas. E desde que se fundaram as primeiras escolas que os estudantes – graças aos céus – encontraram erros no que os seus professores diziam e tentaram encontrar por si crenças mais sólidas. Por outras palavras, a verdade de uma crença tem de depender dos seus próprios méritos. Se os teus pais te ensinaram que é desastroso abusar de maçãs verdes, então a asserção deles é verdadeira não porque o disseram, mas porque certos factos (muito desagradáveis) mostram que é verdadeira. Se aceites uma «lei» científica que leste num manual, essa lei deve ser aceite não porque está escrita num manual, mas porque se baseia em provas experimentais e no raciocínio matemático. Temos justificação para aceitar uma crença unicamente quando esta é sustentada por provas experimentais e argumentos sólidos. Mas, como tenho vindo a insistir, a maior parte de nós nunca testa as nossas crenças desse modo.



Cabeça, de Pavel Filonov (1883-1941). Temos a cabeça cheia de crenças, mas raramente as analisamos criticamente e com cuidado. A filosofia dá-nos precisamente esse olhar crítico sobre as nossas próprias crenças.

É aqui que entra a actividade «crítica» da filosofia. A filosofia recusa-se a aceitar qualquer crença que as provas experimentais e o raciocínio não mostrem que é verdadeira. Uma crença que não possa ser estabelecida por este meio não é digna da nossa fidelidade intelectual e é habitualmente um guia incerto da acção. A filosofia dedica-se, portanto, ao exame minucioso das crenças que aceitámos acriticamente de várias autoridades. Temos de nos libertar dos preconceitos e emoções que muitas vezes obscurecem as nossas crenças. A filosofia não permitirá que crença alguma passe a inspecção só porque tem sido venerada pela tradição ou porque as pessoas acham que é emocionalmente compensador aceitar essa crença. A filosofia não aceitará uma crença só porque se pensa que é «simples senso comum» ou porque foi proclamada por homens sábios. A filosofia tenta nada tomar como «garantido» e nada aceitar «por fé». Dedica-se à investigação persistente e de espírito aberto, para descobrir se as nossas crenças são justificadas, e até que ponto o são. Deste modo, a filosofia impede-nos de nos afundarmos na complacência mental e no dogmatismo em que todos os seres humanos têm tendência para cair.

Jerome Stolnitz, *Estética e Filosofia da Crítica de Arte*, 1960, trad. de Desidério Murcho, pp. 3-6

Contextualização

- Em filosofia, usa-se o termo **crença** (e por vezes **opinião**) de forma abrangente. Inclui não apenas as crenças religiosas, mas tudo o que pensamos que é verdade, seja ou não verdade. Por exemplo, todos temos a crença de que 2 é um número par, que a relva é verde ou que não há vida na Lua.
- **Jerome Stolnitz** é um filósofo norte-americano contemporâneo que se destacou na filosofia da arte. Nesta área, defendeu uma posição inspirada em Kant, fazendo da experiência estética o elemento mais importante para compreender a arte. A estética será estudada opcionalmente na Parte 5.

Interpretação

1. O que é uma crença acrítica?
2. Explique qual é, segundo o autor, a origem da maior parte das nossas crenças.
3. «Uma crença não é verdadeira simplesmente porque uma autoridade qualquer diz que o é», afirma o autor. Que quer isto dizer?
4. «A filosofia impede-nos de nos afundarmos na complacência mental e no dogmatismo em que todos os seres humanos têm tendência para cair», afirma o autor. Porquê?

Discussão

5. «É preferível viver de acordo com as crenças que nos foram transmitidas pela tradição, em vez de as avaliar criticamente.» Concorda? Porquê?

Texto 2

Aprender a Pensar

Immanuel Kant

O jovem que completou a sua instrução escolar habituou-se a *aprender*. Agora pensa que vai *aprender filosofia*. Mas isso é impossível, pois agora deve *aprender a filosofar*. [...] Para que pudesse aprender filosofia teria de começar por já haver uma filosofia. Teria de ser possível apresentar um livro e dizer: «Veja-se, aqui há sabedoria, aqui há conhecimento em que podemos confiar. Se aprenderem a entendê-lo e a compreendê-lo, se fizerem dele as vossas fundações e se construírem com base nele daqui para a frente, serão filósofos». Até me mostrarem tal livro de filosofia, um livro a que eu possa apelar, [...] permito-me fazer o seguinte comentário: estaríamos a trair a confiança que o público nos dispensa se, em vez

de alargar a capacidade de entendimento dos jovens entregues ao nosso cuidado e em vez de os educar de modo a que no futuro consigam adquirir uma perspectiva *própria* mais amadurecida, se em vez disso os enganássemos com uma filosofia alegadamente já acabada e cogitada por outras pessoas em seu benefício. Tal pretensão criaria a ilusão de ciência. Essa ilusão só em certos lugares e entre certas pessoas é aceite como moeda legítima. Contudo, em todos os outros lugares é rejeitada como moeda falsa. O método de instrução próprio da filosofia é zetético, como o disseram alguns filósofos da antiguidade (de ζητεῖν). Por outras palavras, o método da filosofia é o método da *investigação*. Só quando a razão já adquiriu mais prática, e apenas em algumas áreas, é que este método se torna [...] *decisivo*. Por exemplo, o autor sobre o qual baseamos a nossa instrução não deve ser considerado o paradigma do juízo. Ao invés, deve ser encarado como uma ocasião para cada um de nós formar um juízo sobre ele, e até mesmo, na verdade, contra ele. O que o aluno realmente procura é proficiência no método de reflectir e fazer inferências por si. E só essa proficiência lhe pode ser útil. Quanto ao conhecimento positivo que ele poderá talvez vir a adquirir ao mesmo tempo – isso terá de ser considerado uma consequência acidental. Para que a colheita de tal conhecimento seja abundante, basta que o aluno semeie em si as fecundas raízes deste método.

Immanuel Kant, «Anúncio do Programa do Semestre de Inverno de 1765-1766»,
trad. de Desidério Murcho, pp. 2:306-307

Contextualização

- Procure numa enciclopédia o significado do termo **zetética**.

Interpretação

1. Segundo o autor, é impossível aprender filosofia. Porquê?
2. Qual é o objectivo do estudo da filosofia, segundo o autor?
3. Qual é o método próprio do ensino da filosofia? Explique o seu significado.
4. Para o autor aprender filosofia é diferente de aprender a filosofar. Qual é a diferença?
5. Explique quais são as diferenças fundamentais entre o método decisivo e o método zetético de ensino.

Discussão

6. «O objectivo do estudo da filosofia é saber o que os filósofos disseram e nada mais.» Concorda? Porquê?
7. «Se em filosofia não há conhecimentos estabelecidos, como em física ou em história, que possam ser ensinados, então a filosofia não deve ser ensinada.» Concorda? Porquê?

4. Para que serve a filosofia?

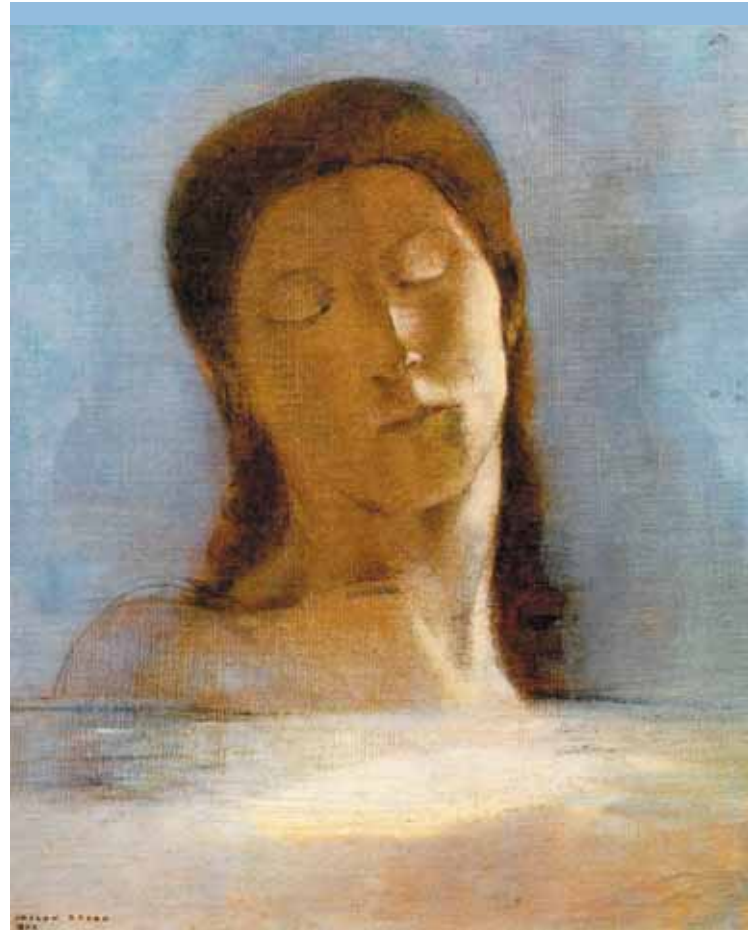
Uma das mais importantes críticas que se faz à filosofia é a seguinte:

Depois de 2500 anos de discussões filosóficas, o que se conseguiu efectivamente descobrir? A biologia, a matemática ou a história têm produzido ao longo dos séculos resultados sólidos. Mas a filosofia não apresenta resultados. Hoje, como há 2500 anos, a filosofia não conseguiu estabelecer se existe Deus, se temos livre-arbítrio, o que é a arte ou se há alguma justificação para a autoridade do estado. Por isso, a filosofia não serve para nada.

Esta objecção baseia-se na confusão entre as ciências e os seus resultados. Se ao longo de séculos não se tivesse procurado saber o que até então parecia impossível saber, não haveria hoje resultados em biologia, por exemplo. Se desistirmos de descobrir a verdade das coisas porque até hoje ninguém descobriu tal coisa, tornaremos impossível qualquer descoberta – dado que, por definição, o que se descobre não se tinha descoberto antes. Se não procurarmos descobrir o que não se sabe, não será possível produzir resultados.

Além disso, as ciências não são importantes apenas por causa dos seus resultados. São importantes também pelo que ajudam a esclarecer, mesmo quando não produzem resultados. Nunca poderemos saber com certeza, por exemplo, por que razão se extinguiram os dinossauros. Mas o que aprendemos ao investigar este problema é muitíssimo enriquecedor, ainda que não seja definitivo. Do mesmo modo, podemos não saber se temos livre-arbítrio; mas o que aprendemos ao investigar este problema é muitíssimo enriquecedor. Por isso, tal como as outras áreas do conhecimento, a filosofia é importante porque alarga a nossa compreensão das coisas.

Acresce que a filosofia consiste, em grande parte, em discutir ideias com argumentos rigorosos. Por isso, dá-nos uma capacidade acrescida para avaliar e discutir ideias, argumentos e problemas. Do mesmo modo que quem estuda pintura fica com um olhar mais sensível às cores e formas, quem estuda filosofia fica mais sensível ao modo como fundamentamos as nossas convicções e decisões. Assim, a filosofia é importante também porque nos ensina a pensar melhor.



Olhos Fechados, de Odilon Redon (1840-1916). Recusar reflectir sobre os problemas para os quais não há soluções é como recusar abrir os olhos para tentar ver o que nunca ninguém viu antes.